

III

A CAMINHO DA AMÉRICA

A chegada de Suzana á herdade dos Davenport, nos primeiros dias de dezembro, em Belfast, assinalou acontecimento de importancia no ambiente doméstico.

Samuél e Constancia, sua espôsa, receberam a sobrinha com satisfação inexcedivel.

A moça, no entanto, não conseguiu disfarsar a surpresa que lhe causavam as modificações ali havidas. A propriedade ia em franca decadencia. Os apartamentos da casa haviam perdido a formosa ornamentação de outros tempos. Samuél dava a impressão de profundo desalento, enquanto a espôsa, de olhos encovados, parecia refugiar-se na paciencia, ao torvelinho de amarguras que lhe feriam o coração. Guilherme, Patrício, Jaques, Carlos, Dorotéia e Helena, os seis irmãos menores de Cirilo, estavam pálidos e mal nutridos.

Suzana percebeu que os golpes do infortunio continuavam vibrando naquele lar amoroso, que vinha arrastando as perseguições religiosas durante muitos anos. Procurou, contudo, dissimular a decepção e passou o primeiro dia de permanencia na graciosa vivenda proxima de Belfast, em doce relembrança de episódios familiares, cumulando a bondosa Constancia de cariciosas consolações.

Mas, após o jantar muito simples, procurou isolarse com os tios na varanda ampla que dava para um trato de terra empobrecida, buscando sondar-lhes os pensa-

mentos relativamente á penosa situação que atravessavam.

— Infelizmente — declarava Samuél evidenciando enorme cansaço — nada mais temos a esperar do torrão que nos viu nascer. As crueldades iniciadas aqui pelos mensageiros de Cromwell foram completadas pela criminosa ambição de Lawrence Morrison, que nos arrebatou as derradeiras migalhas, apenas por uma questão de inflexibilidade religiosa.

— E' horrivel, — disse a moça impressionada — mas sinto aqui um esquecimento lastimavel. Acredito que Cirilo não está informado deste quadro de tamanhas necessidades.

— Ah! sim, — disse Constancia resignada — nosso filho tem seus ideais, Suzana, e não nos parece justo arranca-lo de suas esperanças e atividades em Paris, apenas por egoismo do lar.

— Aqui, porém, não se trata de egoismo — revidou a jóven. — Francamente, não esperava encontrá-los em pobreza tão crua. E dizer-se que Cirilo casará inciente de tudo isso!

— Não seria razoável incomoda-lo, minha filha — atalhou Samuél conformado — a carta de Jaques notificava-nos o acontecimento com profunda certeza de sua felicidade. Constituiria falta grave de nossa parte, desvia-lo do destino venturoso junto da jóven escolhida.

A moça esboçou um gesto de ciúme que passou despercebido, e voltou a insistir:

— Considero, entretanto, que, para todas as cousas ha tempo adequado. Cirilo precisa conhecer esta angustiosa situação.

Constancia, muito carinhosa lembrou comovidamente:

— Ora, Suzana, creio não devermos perturbar nosso filho senão em circunstancias extremas. Quem sabe terás algum meio de nos socorrer, sem que tenhamos de mandar a Paris qualquer notícia torturante? Muito poderíamos obter de tuas valiosas relações na Inglaterra.

Muito sensibilizada com o apelo comovente, a jóven acrescentou com afetuoso interesse:

— Sem dúvida que não voltarei a Blois sem haver atendido ás vossas necessidades. Tenho recados de Henrique para Londres e espero que as cousas sejam conciliadas a nosso favor. Não me conformo com essas crianças quasi ao desamparo, no quadro de infortúnio que estou a ver.

E, num gesto expressivo para Constancia, perguntou com o seu orgulho ferido:

— Onde está o cravo que tanto a distraía nas noites de inverno? Que é feito das tapeçarias, da baixela de prata?

A bondosa senhora explicou num sorriso humilde:

— Foram vendidos ao Sr. Gottfried, quando Patrício e Dorotéia foram atacados pela febre.

— O Sítio do Linho foi alugado? — interrogou a moça com decisão.

— Lawrence Morrison lavrou uma escritura contra nós e fomos despojados dêsse terreno — explicou Samuel contristado.

— E os rebanhos?

— Não temos mais recursos em pastagens. Conservamos apenas alguns bois de serviço e algumas cabras.

— Isso é insuportável — exclamou a jóven, assaz irritada.

Em seguida a uma pausa mais longa, em que os três se sentiam á face de um sério problema, Suzana inquiriu com firmeza:

— Que sugerem para que eu possa começar o trabalho de reivindicação de tantas injustiças?

Samuel Davenport parou os olhos no horizonte embaciado do crepúsculo, meditou longamente e respondeu:

— Minha filha, não desejaria acabar minha existência aqui, onde a lembrança da mocidade venturosa me agrava os terríveis desgostos. Nossa ilha está dilacerada pelas perseguições e nossa fé religiosa é irredutível. Não me sinto capaz de bajular os protestantes impiedosos e, por este motivo, devo contar com as humilhações de toda sorte, enquanto viver. Não suporto os impios ingleses e morrerei no seio de nossa amada igreja. Neste caso, venho sonhando ultimamente com uma vida

nova, na grande colonia da América, para onde se transferiram muitos dos nossos amigos espoliados:

E, como experimentando outro ânimo, imaginando a soberba visão do novo mundo, continuou:

— Lá se encontram os Taylor, os Dalton, os Harrison, os Richmond. Todos prosperam vertiginosamente e acreditam em Deus como entendem. Erguem capelas nos montes, criam rebanhos fortes, á margem de rios fartos e de pastagens sempre verdes. Dizem, Suzana, que, por lá o céu é muito azul e que as flores povoam as estradas, quasi a todo tempo, favorecidas pela benção constante de um sól ardente e amigo. Arquimedes Taylor, que voltou a Belfast o mês passado, a-fim-de procurar alguns documentos importantes, visitou nossa granja e muito me animou a partir com a família. Informou-nos que na América protestantes e católicos se unem, fraternalmente, na faina dos trabalhos comuns, em atitude muito diversa da adotada por velhos companheiros irlandeses que se bandearam para a política dos senhores poderosos e nos deixaram em abandono. Com exceção do velho Gordon, que pretende transferir-se também para a colonia, no ano proximo, ninguém mais nos procura. Por ocasião da grave moléstia das crianças, eu e Constancia lutámos com a enfermidade completamente desamparados. Estamos cansados de sofrer injustiças. O padre Bernardo, que nos confortava nas fadigas diárias, foi banido ha duas semanas. Por tudo isso, venho afagando a idéia de buscar outras terras.

A moça anotava, em silêncio, as alegações do tio, procurando tirar as suas conclusões, a respeito das providencias sugeridas. Á medida que Samuél Davenport expunha seus planos e sofrimentos, ela considerava o assunto, calculando por antecipação as consequências.

A seu ver, a partida para a colonia era idéia aprovável. Buscaria envolver Cirilo no projeto. Não seria interessante vingar-se de Madalena Vilamil, obrigando o marido a partir para regiões tão distantes? Se pudesse, compeliria o primo a partir só, sem a companheira. Detestava a filha de D. Inácio, que lhe arrebatara o sonho

da juventude. Ainda, porém, que não conseguisse o principal objetivo com a ausencia só do primo, de qualquer modo gozaria vendo-os partir como exilados da Europa, deixando-a livre da visão de sua felicidade.

Obscada pela recordação de Cirilo, de quem não conseguia esquecer-se, ponderou com atenção no socorro indispensável aos tios de Belfast, concluindo mentalmente que seria fácil ir a Londres e obter as providências políticas para que se lhes fizesse justiça na propria terra que os vira nascer; mas, segundo suas convicções íntimas, não encontraria oportunidade mais adequada para vingar-se. Madalena conheceria o peso da sua força cruel. Dominada por semelhantes sentimentos, a jóven de Blois sentenciou:

— Seus planos, meu tio, são louváveis e lastimo sinceramente não poder acompanha-los á colonia distante. As terras novas sempre me empolgaram a imaginação por sua riqueza e grandiosidade, de acordo com as notícias trazidas pelos corajosos conquistadores.

Após um momento em que Contancia e o espôso lhe seguiam atentamente os gestos mínimos, continuou:

— Quais as providências iniciais para realizar nossos propósitos?

— Bastaria que alguém se interessasse por nós, na Corte — acentuou o tio com imensa esperança a reabrir nos olhos — Lord Arlington é hoje uma autoridade incontestável na política nova e, com a sua influência poderá facultar-nos um título de propriedade agrícola na colonia. Isso conseguindo, venderíamos o que nos resta e escolheríamos a chamada região de Connecticut, onde pretende fixar-se o nosso generoso Gordon, no proximo ano.

— Pois irei a Londres para esse fim — exclamou a jóven resolutamente. — Não existe tambem um auxílio financeiro aos que partem? O governo da França costuma amparar as famílias que se dirigem para as regiões inexploradas.

— Na Inglaterra, os prestigiados por pessoas influentes tambem conseguem, ás vezes, identico auxílio.

— Insistirei com as autoridades competentes para que recebamos o benefício. Se Lord Arlington não dis-

puser de elementos com que me possa atender, recorre-rei á propria Corôa.

Os tios carinhosos entreolharam-se com viva satisfação, como quem recebia o socorro longamente esperado.

— Resta saber — prosseguiu a sobrinha, resoluta — como e quando se dará a partida de Abraão Gordon com os seus.

Visivelmente confortado, Samuél Davenport explicou:

— Creio que a viagem se fará na segunda quinzena de julho do ano próximo, e o Capitão Clinton fornecerá passagem nos seus barcos a preços módicos; entretanto, em suas experiências do mar, ele exige que cada família apresente três homens válidos para cooperação nos trabalhos da travessia. Acredito, pois, que encontraremos certas dificuldades tão só para atender á essa exigencia, porque não me sinto muito bem de saude, e o Guilherme agora é que vai completar os dezoito anos.

— E Cirilo? — interrogou Suzana admirada — naturalmente não será possível isenta-lo do cumprimento desse dever.

Constancia careteou como quem não desejava perturbar o filho, mas Samuél obtemperou:

— Pensei mesmo em convida-lo a partir conosco, mas o casamento talvez lhe haja imposto outros projetos definitivos para o futuro.

Suzana refletiu um instante, ocultou os verdadeiros sentimentos que nutria sobre a rival e murmurou:

— Madalena Vilamil é boa moça e compreenderá as nossas necessidades prementes. Sem dúvida, acompanhárá o marido, e dado que o não possa fazer, nem por isso o impedirá de cumprir o dever filial. Tenho absoluta certeza que conseguirei os títulos de posse, em Londres, e enquanto iniciamos as providências, poderão escrever a Cirilo expondo-lhe a situação com franqueza, dizendo-lhe convir aqui esteja em abril, para inteirar-se do assunto e preparar-se convenientemente para a viagem, em julho. Até a primavera, terá gosado bastante a sua lua de mel e não é muito que se lhe peça o comparecimento em Belfast daqui a três ou quatro meses.

Depois de ligeira pausa, acentuava:

— E é justo não esqueçamos de escrever igualmente para Elois.

Em seu profundo potencial psicológico, estava certa de que Cirilo não deixaria de aconselhar-se com o tio e concluia:

— Conhecemos o ascendente de papai sobre a índole caprichosa do primo e faz-se necessário que ambos conheçam o caráter urgente das decisões a tomar.

Constancia, jubilosa, admirava o poder de resolução da sobrinha, e falou satisfeita:

— Deus nos ouça, porque já comentámos o assunto como se tudo estivesse providenciado com inteira segurança.

— A senhora não duvide — esclareceu a jóven — não dencansaremos até que todas as cousas se resolvam. Estas crianças — e designou com um gesto o interior da casa, onde os meninos brincavam em alvoroco — hão de crescer numa vida nova. E' impossível que dobremos a cerviz ante o cércio da miséria. Em muitos casos a resignação deixa de ser virtude para tornar-se inimigo cruel.

Em seguida, quando o véu da noite se fechara de todo, transferiram a conversação para a sala espaçosa do fogão de inverno, onde Samuél, muito depois de se haverem recolhido a sobrinha e a espôsa, ainda permaneceu largo tempo a meditar, como se conversasse com as achas ardentes daquela amada lenha do Ulster, que encerrava para o seu espírito um escrínio sagrado de inesquecíveis tradições.

Sómente após o Ano-Bom, Suzana dirigiu-se para Dublin, onde tomou uma embarcação que saía do Canal de São Jorge com destino aos portos da Mancha. Partia em busca das concessões de Londres, interessada e esperançosa, depois de haver orientado os tios com relação às missivas endereçadas a Paris e Blois.

Foi assim que, em fevereiro de 1663, as cartas de Belfast mudavam as perspectivas, entre os cônjuges venturosos.

Cirilo leu, emocinado, a carta paterna que lhe falava

dos enormes prejuízos e infortunios experimentados e da resolução de partir para a América, em procura de valores novos, suplicando o seu amparo filial em tão graves circunstâncias. Insistia para que o acompanhasse na viagem, ainda que não pudesse transferir-se definitivamente com a jóven espôsa para o Novo Mundo. Calculava que bastariam alguns meses de cooperação e poderia voltar a reassumir as obrigações que o retinham na capital da França. Samuél sugeria, carinhosamente, que a espôsa o acompanhasse na longa viagem, empreendida para tranquilidade de todos. Quanto aos encargos de ordem material, esperava compensa-lo, doando-lhe parte do produto da venda do resto de sua propriedade rural na Irlanda do Norte.

Madalena, por sua vez, mostrava-se fundamentalmente sensibilizada. Constancia enviou-lhe carinhosa carta na qual lhe rogava assistência e auxílio moral para a transferência desejada, destacando o obséquio que a nora lhes prestaria favorecendo a partida de Cirilo, de maneira a lhes atenuar o rigor dos inumeros trabalhos. Enviava-lhe, com afagos maternais, delicada folha de trevo como lembrança da missa a que assistira em intenção da sua ventura conjugal, na véspera das núpcias; relatava, mãe afetuosa — as enxaquecas do marido, as necessidades dos filhinhos. Procurava, enfim, convencer a nora de que deveria partir também com eles e fazia-lhe sentir que sua casa era igualmente da nora, a qualquer tempo.

A jóven espôsa de Cirilo chorou, emocionada, ao receber as confidencias da sogra. Se fôsse possível, teria partido para Belfast naquele mesmo dia, a-fim-de conforta-la, mas não podia considerar siquer a possibilidade de uma visita ao Ulster nos meses próximos, porque D. Margarida piorara muito do seu velho mal cardíaco. Prostrada, palidíssima, não arredava pé da cama, reclamando assistência carinhosa e constante. Por vezes, as dispnéias sobrevinham noites seguidas, agravando-lhe os padecimentos atrozes.

Que fazer em face de tão angustiosos obstáculos?

Ao crepúsculo dêsse dia de notícias singulares, em que as emoções agradaveis se haviam misturado larga-

mente com a dor, Cirilo e Madalena encaminharam-se ao templo de Nossa Senhora, ansiosos por uma inspiração que lhes aliviasse a alma inquieta.

Madalena desejava sinceramente ir a Belfast, atendendo aos apêlos afetuosos da sogra, mas a precária saúde de sua mãe a impedia de formular qualquer projeto a respeito.

— Afinal de contas — dizia a Cirilo sob o manto estrelado do céu, que sempre lhe enchia de encantamento o espírito sonhador — não devemos sofrer tanto; antecendo fatos que se desdobrarão segundo a vontade do Pai Celestial. Sómente partirás em março e, até lá, quem sabe?

Ele, porém, não lhe acatava os argumentos afetuosos, com o habitual bom humor. Sem poder explicar o que lhe ocorria no íntimo, permanecia taciturno, alheio às suas costumeiras características de resolução.

— Não posso compreender, Madalena, porque essa viagem forçada a Belfast me ensombra o espírito, enchendo-me de preocupações.

— Viagem forçada? não digas — redargüia a esposa com bondade — para nossos pais todos os trabalhos constituem motivos de satisfação espontânea. Não tens feito o possível pela tranquilidade do papai e pela saúde da mamãe? E' indispensável não esquecer que temos igualmente dois velhos generosos a espera de nosso auxílio na Irlanda do Norte.

Visivelmente nervoso, o rapaz obtemperou:

— Sim, mas os meus trabalhos em París? E se não me puderes acompanhar a Belfast? E se D. Margarida piorar a ponto de ser forçado a assumir compromissos com os meus, partindo sózinho para esse longo itinerário até a América?

— Quantas interrogações prematuras! — opugnou ela esforçando-se por manter um sorriso menos pessimista — se nos acontecesse o pior não deveríamos, ainda assim, inclinar o coração à vontade de Deus? Se nos separarmos por alguns dias, não será por motivos frívolos, mas por atender a necessidades imperiosas de nossos amaraveis "velhinhos".

Procurando desfazer as penosas impressões do esposo, a filha de D. Inácio continuou:

— Relativamente aos teus trabalhos comuns, acredito não seja difícil obter uma licença sem remuneração; e se mamãe piorar, impedindo minha partida, estaremos juntos nas preces sinceras ao céu para que todas as dificuldades cessem logo. Além disso, não devemos contar com a assistência do tio Jaques? De Blois a Paris não é longa a distância. Precisamos coragem, Cirilo, pois Jesus não nos deu a felicidade sómente para a satisfação pessoal e sim para que aprendamos a estendê-la a outros seres. Nossos pais estão cansados e doentes, é justo lhes ofereçamos nossa disposição para o trabalho e o socorro de nossa mocidade sadia.

O moço ponderou aquelas palavras deixando perceber que havia encontrado a desejada solução e enlaçou-a com mais ternura.

Embebidos na cariosa contemplação da noite amiga, falaram ainda longo tempo, de suas esperanças e projetos de futuro, regressando ao ninho doméstico, cada qual fazendo o possível por se mostrar mais otimista, visando o confôrto recíproco, mas, quando foi atender a progenitora doente, Madalena contemplou o crucifixo de madeira que D. Margarida conservava no quarto, pendente do leito e, fixando o olhar na imagem de Jesus, pediu-lhe com fervor lhe desse paz ao coração atormentado por infados receios. Depois de verificar que a matrona repousava em profundo sono, ajoelhou-se, beijou aquele símbolo de sua fé e limpou uma lágrima, cuidadosamente, para que o esposo não lhe surpreendesse os amargos presságios.

As semanas voavam ao ritmo das renovadas preocupações.

Após uma consulta ao tio Jaques, que fôra igualmente informado da precária situação de Samuél em Belfast, Cirilo Davenport decidiu-se à viagem, a-fim-de auxiliar os pais no que fôsse possível. Preparou seu desligamento temporário dos serviços, tomou as providências necessárias, mas D. Margarida piorava devagarinho, impossibilitando, de qualquer modo, a ausência da filha.

À vista disso, o rapaz foi obrigado a partir sozinho para a Irlanda, em fins de março.

Informada de que Suzana permanecia na céspede natal, Madalena dirigiu-lhe carinhosa carta, junto da que escrevera, com muito afeto, à bondosa sogra, explicando a impossibilidade de visita-la e solicitando-lhe que, como prima devotada, a representasse na família, orientando Cirilo em suas necessárias decisões de auxílio aos pais.

Dêsse modo, o filho de Samuél partiu deixando a espôsa no círculo habitual, constituído por D. Inácio sempre nervoso, D. Margarida gravemente enférma, e Antero que rodava de Paris a Versalhes e vice-versa, como quem perseverava nos mesmos propósitos, esperando as oportunidades.

A chegada de Cirilo foi um acontecimento de larga repercussão no lar paterno.

Suzana, dias antes, havia regressado da capital inglesa com todos os documentos legais, concernentes a emigração de Samuél e família para a colônia longínqua. Depois de uma visita pessoal a Carlos II, em que fizera questão de alardear o valor de suas relações prestigiosas na Corte de França, todas as portas se lhe abriram com facilidade surpreendente. Além de conseguir as dotações necessárias, inclusive sementes e outras utilidades, solicitou também um auxílio financeiro para o velho Gordon, que lhe recebeu a gentileza profundamente sensibilizado. Ao júbilo das concessões obtidas, acrescentava-se, agora, a alegria da vinda do rapaz, reforçando as esperanças dos perseguidos irlandeses.

Constância não sabia como exprimir seu contentamento maternal. Reuniu todos os recursos humildes da despensa doméstica e ofereceu um jantar muito simples, nesse dia em que, acima de tudo, falava o sincero carinho do coração. À noite, reuniu a família em preces a Deus, agradecendo à Providência os favores da sua misericórdia e, após as orações comuns, expressou um voto de reconhecimento a São Patrício, pela feliz chegada do filho, o que, feito em voz alta na espontaneidade do seu afeto, arrancou muitas lágrimas ao rapaz, que permane-

cia igualmente de joelhos, em obediência à tradição familiar.

Conforme acontecera à prima, Cirilo impressionara-se fortemente com os quadros de infelicidade resignado e de velada pobreza que viera encontrar na paisagem querida de sua infância, e fazia o possível por não repetir as expressões de espanto, quando procurava esse ou aquele local, em busca de velhas impressões da sua meninice. Não conseguia explicar a emotividade que lhe envolvia a alma inteira. A humildade com que Samuél patenteava a necessidade da sua proteção, os olhares amorosos da mãe, a doce delicadeza dos manos, penetravam-lhe o espírito com indefinível intensidade. Lêra a Constância a terna missiva de Madalena e reparara, emocionadíssimo, como a progenitora enxugava as lágrimas copiosas com as dobras do avental muito branco. Guardava a impressão de haver ingressado num sonho bom, em que no maravilhoso tapete das lembranças suaves, voltava a ser menino.

Quanto à Suzana, recebera as letras delicadas de Madalena, lendo-as a sós, depois de cerrar cuidadosamente a porta do quarto e reprimindo intensa cólera. Frase alguma daquela mensagem fraternal conseguira modificar suas disposições.. Não constituía atrevimento da rival endereçar-lhe semelhante apelo? Num ímpeto de ciúme e despeito, fez menção de estrelar o documento carinhoso, mas, como se fôra advertida pelas idéias criminosas que lhe passavam, por vezes, na imaginação sobreexcitada, exclamou consigo mesma: — “Não será melhor conservar esta carta para algum dia da vida? Quem poderá saber o futuro”? E modificando a primitiva atitude, guardou a missiva com cuidado, na bolsa reservada aos objetos mais íntimos.

Abraão Gordon, à noite, viêra participar das alegrias familiares, abraçando jubiloso o recém-chegado de Paris, a quem amava como próprio filho, desde o dia em que Samuél e Constância o haviam chamado para leva-lo à pia batismal.

As ocultas, o pai de Cirilo, acanhado por ter de incomodar diretamente o rapaz, solicitara ao antigo com-

panheiro de lutas endereçasse ao filho o apelo final, para os acompanhar no longo cruzeiro transoceânico.

Gordon aproveitou o encanto do momento, cheio de intimidades cariciosas e, quando terminaram as preces de louvor a Deus, dispôs o grupo familiar em torno da larga mesa dos Davenport, que recordava os antepassados numerosos, devotados a tradições domésticas. Aplaudido com calor, por Suzana que entrava na conversação com apartes sagazes e inteligentes, o notável ancião depois de exaltar as grandiosidades do Novo Mundo, que conhecia pessoalmente, em virtude de uma visita aos parentes exilados na Virginia, notificou ao rapaz a necessidade do seu apoio ao grande cometimento.

— Contamos contigo, Cirilo — afirmava o velho irlandês bondosamente — e nem poderia ser de outro modo. Samuél e Constância esperam o teu amparo imprescindível. Somos velhos e o capitão Clinton necessita de moços para a travessia, que não é tão fácil como parece á primeira vista. Já enviei instruções a Oxford para que Carlos e João estejam em Belfast no mês de junho. Não podemos dispensar o esforço dos filhos, na execução da empresa.

— Entretanto — murmurou Cirilo um tanto esquivo, dado o seu problema de natureza sentimental, refletindo na esposa e nas suas fadigas domésticas — ignoro se poderei partir na época prevista.

— Não ha mais tempo para hesitações — obtemperou o velho Gordon, depois de bater com o cachimbo na mesa, num gesto muito seu — a questão não é de possibilidade, é de imperiosa necessidade. Entre pais e filhos não ha consultas, ha compromissos. O capitão Clinton exige a contribuição dos mais fortes e não será razoável dispensar teus esforços.

O rapaz círou em face da observação direta que lhe era dirigida, e ocultando suas recônditas preocupações sentimentais, receando ser tido á conta de covarde, considerou:

— Não me furto ao que constitue para mim um grato dever, mas, como sabem, meus serviços intelectuais,

em Paris, são bastante expressivos e não sei se me permitirão uma ausencia prolongada.

— Meu filho — exclamou Abraão, convicto — não guardes ilusões sobre pretensas realizações intelectuais dos nossos tempos. Isso é um miserável engano, Cirilo. Os espíritos vulgares alardeiam conquistas mentirosas, enquanto escondem a conciencia vestida de andrajos. Semelhantes fantasias vão conduzindo os homens mais návios á confusão e á ruina total. As lutas religiosas que nos expulsam do berço, não serão resultantes da desordem do pensamento? Por que motivo os protestantes e mesmo os católicos eminentes, se empenham em lutas de morte? Será porque trabalharam com as mãos, ou por que se desviaram do caminho de Deus pelo abuso de raciocínios? As mãos não se equilibram sem o impulso orientador das idéias, como as idéias não se materializam sem o concurso das mãos; no entanto, suponho que os homens vão esquecendo o dom do serviço pelos excessos do pensamento em desvario.

Todos acompanhavam com atenção os argumentos profundos, enquanto o rapaz fixava os olhos brilhantes no rosto simpático do bondoso velhinho. Estava tocado nas fibras mais sensíveis e contemplava o antigo mentor, em respeitoso silêncio, ansioso por não perder um só de seus elevados conceitos.

— Em diversas regiões do sul — continuava Gordon percebendo o poderoso efeito de suas palavras — existem católicos que assassinam os herejes, barbaramente; e aqui no Ulster os partidários da chamada Reforma nos invadem as terras e deshonram os lares. Enviados prepotentes da política de Londres nos insultam e assaltam nossas propriedades laboriosas e honestas. Se toda essa gente trabalhasse mais e discutisse menos, não acabaria estabelecendo a certeza de que todos somos filhos do mesmo Deus? As legítimas renovações, Cirilo, não se destinam apenas á operosidade e aos feitos da inteligencia, mas tambem ao esforço de arrotear com amor a terra generosa. Que tem sido a existencia da Europa senão uma guerra incessante? Todos os povos progridem para dominar os mais fracos, prosperam, a-

fim-de ganhar a fôrça e exercer a opressão. O que tudo isso significa é que o homem não necessita ser mais ar-guto para explorar o proximo e sim que comprehenda e ame a vida. E ninguem, meu filho, entenderá o proprio caminho sem trabalho intenso por concretizar um ideal de virtude, na marcha para Deus.

Suzana reparava o velho amigo de sua infancia, manifestando a transbordante satisfação que suas alegações lhe causavam, e o marido de Madalena, seduzido pelos argumentos, sentia a renovação de antigo idealismo. Aquelas palavras vibravam estranhamente em sua alma, tinha a impressão de que lhe ressurgira no imo, alguma cousa ofuscada e quasi perdida, que era o imenso amor á gleba, a dedicação ao sólo a que se acostumara a querer todo o bem, pelas lições vigorosas recebidas na infancia. Por disposições maravilhosas do pensamento, sentia-se transportado á meninice distante, atravessava descalço as pastagens orvalhadas em busca dos bois que mugiam longe. Revia as grande árvore tratadas amorosamente e desejava tosquiar, de novo, os carneiros gordos e mansos. O ambiente social de París eclipsara-lhe o gôsto pelas manhãs chuvosas, com o ruido da charrúa sulcando a terra macia. Subitamente, experimentava a ansiedade de tornar a beber a luz das paisagens campes-tres, na companhia dos cavalos árdegos e resistentes. A inclinação do homem consagrado ao esfôrço da terra tri-unfava de todas as preocupações de ordem puramente in-telectual. Agora, lembrava que a França estava repleta de silogismos inuteis. Padres e filósofos disputavam es-térilmente, redundando as suas cogitações numa comé-dia ridícula, em que cada qual permanecia mais vaidoso, ao lado das aflições dos mais fracos, no seio do povo prejudicado e iludido. A guerra constituia, invariavel-mente, o produto util dêsses excessos dos condutores da multidão. Eram raros os propositos sérios, os impulsos enobecedores, isentos de vaidade ou egoísmo. Cirilo estava magnetizado pela grandeza dos conceitos emitidos. Abraão Gordon tinha razão. Era necessário voltar á terra e escolher a flôr da paz em seu seio generoso.

— Compreendo agora — exclamou, deixando en-

trever que descobria a equação indispensavel. — Não posso compreender como andava tão esquecido...

— Vendo-o passar a mão pela fronte, os presentes entrelharam-se satisfeitos. A rendição de Cirilo, com respeito ao assunto, causava-lhes enorme prazer.

— Ainda bem — continuava Gordon encorajado — estavamos certos de que não falharias na inclinação justa.

— As suas opiniões são incontestaveis.

— E já chegou a refletir nesse Novo Mundo que os navegadores nos trouxeram?

— Sem dúvida — exclamou o filho de Samuél assaz impressionado — terá uma finalidade muito mais importante que a de simples colonia, que lhe possamos atribuir.

Abraão Gordon sorriu e continuou:

— Eu que lhe conheço a grandeza insondavel, posso afirmar que a América é uma região destinada por Deus nos flagelados e desiludidos da Europa. Suas florestas assemelham-se a um oceano de verdura. Seus rios fartos chamam as criaturas para trabalhos generosos de paz e esperança, seus horizontes iluminados prometem a corôa da liberdade e da vida. Estou convencido de que o novo continente representa uma dádiva de Deus aos homens trabalhadores e corajosos. Deve ser a realização da pro-messa aos corações de boa vontade. Acredito que, lá, os nossos descendentes hão-de amar os valores legítimos da vida e farão cessar a cadeia de ruina e destruição, que ameaça sempre a prosperidade européia, nas guerras fa-mulentas. Aos que se encontram cansados de tolerar a criminosa influencia do demonio insaciavel, que domina os nossos principes, a Providencia enseja a possibilidade de um lar entre as flores de uma natureza diferente e li-vre, cuja paz é garantida pelos abismos das águas.

Cirilo ouvindo as palavras ardentes do velho amigo, sentia-se transformado. Começava a admitir que, por certo, sua felicidade residia do outro lado do grande mar. Num minuto, chegava a esquecer os livros, os pergami-nhos, as controversias infindaveis dos filósofos do tempo, os princípios expostos pelos teólogos da universidade. Imaginava o futuro lar, onde Madalena e élê cuidariam da ventura de filhinhos amados, no país maravilhoso cuja

grandeza parecia contemplar, através das descrições vivas do ancião de Belfast. Recordou que seus ideais eram idênticos aos da esposa, relativamente a América distante. Madalena também tinha sede daqueles horizontes largos, daquela terra fecunda e perfumada. Sentindo que podia falar igualmente em seu nome naquela assembleia familiar, assumiu o compromisso de transferir-se definitivamente para o Mundo Novo.

Depois de afirmar sua decisão, que despertou enorme e geral contentamento, a palestra se desdobrou em torno das realizações futuras. Suzana e Constancia empregavam à conversação a mais vibrante alegria, terminando as combinações iniciais da viagem com expressivas demonstrações de júbilos sinceros.

Diarilmente, agora, repetiam-se as reuniões afetuosa-s na casa acolhedora, delineando-se todos os projetos em lide.

Para que Cirilo partisse justamente tranquilo, ficou assentado que ainda voltaria a Paris, não obstante as dificuldades das viagens de então, a-fim-de consultar a esposa, quanto à possibilidade de sua partida. Na hipótese de ela continuar impedida pela moléstia da sua progenitora, ele acompanharia os pais até a América, cuidaria das instalações iniciais e voltaria à França para buscar a companheira. Estava certo de que a esposa lhe aprovaria as decisões e compartiria das suas esperanças. Ela também amava, de longe, aquelas florestas desconhecidas, onde haveriam de fundar a casa venturosa e farta para a sua próle.

No curso de uma quinzena, todas as deliberações estavam assentadas. Abraão Gordon fez a Samuél generoso empréstimo de dinheiro, para que o filho pudesse deixar à esposa alguns recursos, uma vez verificada a impossibilidade de sua partida. Dentro de algumas semanas, Constancia e o marido venderiam a parte restante da propriedade e resgatariam o compromisso.

Dêsse modo, nadando em esperanças de maravilhosos porvir, Cirilo regressou à França com a promessa de tornar a Belfast no fim de junho.

Seu regresso ao lar foi acolhido entre carinhosos

contentamentos da esposa, e contudo, os planos traçados na Irlanda causaram á Madalena certa estranheza, sem que ela mesma pudesse explicar o motivo das dolorosas angústias que lhe assaltavam o coração.

O marido tratou de organizar numerosas providências, á pressa, destacando-se a do seu desligamento da universidade, em caráter definitivo, com as veladas preocupações da esposa. Deliberou ir a Blois, sem que a companheira pudesse participar da excursão, dado o estado grave da sogra.

Estava ansioso por abraçar o velho Jaques. O tio amigo o acolheu com a satisfação habitual, ouviu com interesse o relatório verbal da visita ao Ulster e concordava, em tese, com as alegações de Abraão Gordon, sobre a mudança para regiões tão distantes. O rapaz inteirava-o, entusiasmado, das menores decisões tomadas, ao mesmo passo que o professor de Blois o considerava um tanto mudado. Cirilo referia-se com muito calor á terras vastas, a fazendas prósperas, comentando, por antecipação, o valor dos rebanhos e das lavouras que manteriam o equilíbrio econômico das organizações rurais e das ricas plantações de fumo, que garantiriam o dinheiro do exterior, na dilatação do patrimônio futuro. Em toda a sua conversação, não havia uma referência aos religiosos inteligentes, como se verificava de outras vezes. Não mais comentava os autores romanos e gregos ou a sabedoria dêsse ou daquele documento antigo, enriquecendo a palestra de observações elevadas e úteis. Jaques escutava-o admirado, disfarçando a custo a impressão de estranheza. Concordava com a ida do sobrinho para o continente novo, mesmo porque Cirilo estava muito moço e á sua frente desdobrava-se radioso porvir; mas não podia aplaudir-lhe a atitude centralizando todos os interesses em problemas de absoluta feição material.

Depois de ouví-lo por algum tempo em silêncio, o austero professor, como quem não pode omitir as cousas essenciais, perguntou:

- Como ficam teus trabalhos na Soborna?
- Desliguei-me definitivamente da universidade.
- E Madalena?

— Dentro de um ano voltarei a busca-la, após instalar nossa casa nova. A saúde precária de D. Margarida, presentemente, não nos permite partir juntos.

Em vista da resposta formal, o generoso educador compreendeu, habil psicólogo, que era inútil tentar demover o rapaz das decisões tomadas; todavia, como advertência velada, limitou-se a dizer:

— Nunca me separei de Felícia senão quando o poder de Deus nos fez curvar diante da morte.

Cirilo, porém, dominado pela visão dos interesses imediatos, não pôde perceber a sutileza do aviso e passou a fundamentar os motivos de sua resolução, recordando os apontamentos de Abraão Gordon relativamente ao panorama das lutas estéreis da Europa, acusando os gabinetes políticos como fócos de chacina e destruição. Jaques escutou-o novamente mergulhado em silêncio, dominado por singular impressão. Por fim, insistindo por seus pareceres mais claros, Cirilo manifestou-se desejoso de que o tio os acompanhasse a breve tempo, de maneira a se reunirem todos na América, para a continuação feliz dos empreendimentos sadios e realistas.

O bondoso professor fixou o olhar no velho parque que se vestia com a roupagem deliciosa da primavera, escutou o rumor das crianças que brincavam sob as grandes árvores e respondeu:

— Não conheço o futuro, meu filho, mas, por enquanto, não me seria possível examinar semelhante hipótese. Quem sabe pensarei nisso amanhã? Ao presente, sinto que não devo abandonar meus velhos livros e meus alunos novos.

— Contudo — insistiu o rapaz — estou certo que o senhor se reunirá a nós, mais tarde ou mais cedo. Não é possível continúe suportando o ambiente europeu, envenenado de lutas odiosas e seculares. Daqui a um ano, em regressando para levar Madalena, é bem possível o encontro modificado.

Enquanto fazia uma pausa, o tio esclareceu:

— Concordo contigo, mesmo porque ignoro se residrei em Blois até o fim dos meus dias.

— Mas por que não assume conosco o compromisso

de partir? Não posso esquecer as observações do nosso velho amigo de Belfast, com relação às lutas desta nossa Europa, em cujo seio tudo é ilusão precedendo ruínas.

— Não posso desaprovar a argumentação de Gordon, mas por agora ficarei, como alguém que deseja permanecer numa casa incendiada, nutrindo a intenção de salvar alguma cousa.

O sobrinho que se referira insistentemente às dificuldades do Velho Mundo, experimentou certo choque em ouvindo aquela afirmativa e contudo não respondeu, preferindo calar, de modo a não alterar os fundamentos de seu compromisso.

Entretanto, apesar da manifesta divergência entre ambos, despediram-se de olhos molhados, como pai e filho obrigados a suportar as amaridades de uma longa separação.

As contrariedades penosas do educador de Blois eram iguais às de Madalena, que as experimentava com muito maior intensidade, no ambiente doméstico. Em casa, tudo se resumia a movimento céleste de providências precipitadas. D. Inácio encorajava o genro, estimulando-lhe o espírito empreendedor e chegando mesmo a declarar que, não fôra a grave moléstia da velha companheira, partiriam todos para o Novo Mundo, em busca das experiências mais elevadas. Discutia às vezes, acaloradamente, por demonstrar que a humanidade devia o benefício aos corajosos navegadores espanhóis, e comentava com inveja a possibilidade conferida aos católicos irlandeses. Antero, igualmente, mantinha uma atitude de alegre aprovação aos projetos de Cirilo, e expunha seus desejos de procurar, mais tarde, diversos parentes castelhanos localizados no sul do continente novo.

A única pessoa a compreender as angustiosas preocupações de Madalena era justamente a enferma, que trocava significativos olhares com a filha, acusando-se intimamente como empecilho de sua partida em companhia do marido.

A jóven companheira de Cirilo, contudo, buscava não traír sua amargura, nos menores gestos, e beijava a progenitora com mais carinho, ansiosa por fazer-lhe sen-

tir a satisfação com que ficaria a seu lado, no desempenho de sublime dever.

Decorrido um mês, chegou a véspera da viagem para a Irlanda, consoante as obrigações assumidas.

Nesse dia, Cirilo e a esposa entreolhavam-se como duas crianças extremamente afetuosas, despertadas de um sonho encantador para realidades dolorosas.

À noite, não obstante a dispnéia de D. Margarida, ambos saíram para a contemplação da natureza, ansiosos por alguns minutos de plena solidão, que lhes facultasse permutar as impressões mais íntimas.

O céu de Paris fulgurava como nunca, pintalgado de estrelas e cada jardim exalava os perfumes doces da primavera.

Os jovens esposos recordaram que havia decorrido justamente um ano do seu primeiro encontro. Falaram do Carroussel de junho de 1662, entre cariciosas evocações. Certamente, a maioria dos amigos não mais se recordava dos folguedos populares, mas os pequeninos encantos da festividade representavam para eles poderosos motivos de reminiscências gratíssimas. Um ano passara com a rapidez de uma semana breve. À certa altura da palestra, amorosa e confidencial, Cirilo tomou com mais vivacidade as mãos da esposa e considerou:

— Querida, não sei o que tenho — minha coragem parece diminuir à medida que se aproxima o instante da separação.

— Não te deixes abater por emoções contrárias aos teus compromissos, Cirilo — murmurou ela esforçando-se por manter atitude de extrema fortaleza moral, de modo a encoraja-lo, sem lhe demonstrar a propria dor — mais um ano, apenas, estaremos juntos, acima de todas as contingências materiais. Até lá, mamãe terá melhorado e partiremos todos. Em primeiro lugar, seguirá nossa família de Belfast e depois nós, os de Paris.

— Reconheço tudo isso e não me faltam esperanças, replicou o rapaz; entretanto, mortificantes pensamentos me dilaceram o coração.

Ela, que lhe falava de alma opressa, não conseguiu

esconder por mais tempo a emoção e deixou cair uma lágrima, embora fizesse o possível por oculta-la.

— Choras, Madalena? — perguntou o rapaz penosamente surpreendido. — Sofres também, assim?

— Não, Cirilo, minha lágrima é de esperança, pois que a saudade significa a propria esperança chorando de ansiedade e alegria.

O filho de Samuél comprehendeu que necessitava controlar as proprias fôrças, a-fim-de levantar o ânimo da companheira abatida por graves provações domésticas e, enlaçando-a com muito carinho, procurou consola-la:

— Não chores, Madalena... Breve regressarei a buscar-te e seremos venturosos para sempre. Edificarei nossa casa nalguma encosta cheia de verdura, de onde possamos, todas as noites, contemplar o céu. Abraão Gordon me esclareceu os detalhes da paisagem do nosso futuro "habitat" e creio saber de antemão o local em que teceremos o nosso ninho. Havemos de admirar a beleza e a imensidão dos horizontes. Um grande rio banha nossas terras. Logo que conclúa a casa, rodea-la-ei de jardins. Quando lá chegares, tudo ha de ser primavera, vida e alegria. E mais tarde, querida, criaremos nossos filhinhos sob a umbela de um firmamento luminoso e livre.

A filha de D. Inácio enxugou as lágrimas com sincera conformação, e falou comovida:

— Cirilo, não desejo que partas sem me ouvires...

Essas palavras eram ditas com inflexão de voz indefinível e no entanto, como que se perdiam em tímidas reticências.

— Dize, Madalena! De que se trata?

— E' que, nestes ultimos dias, venho sentindo co-moções estranhas e mamãe acredita que se prendam ao nosso primeiro sonho...

Ele abraçou-a sensibilizado.

— Como sou feliz! — murmurou, transbordante de júbilo.

— Não ficarei tão sózinha — concluiu com resignado sorriso.

E assim permaneceram longas horas, na contemplação da noite, permutando promessas de infinito amor e mútua compreensão. Cirilo arquitetava mil castelos para o porvir, enquanto a esposa escutava-o enlevada, olhos luzindo de esperança, acompanhando-lhe o idealismo ardente. Discutiram os detalhes da futura residência na América; falaram dos filhinhos que Deus lhes mandaria ao lar e que seriam educados distante dos centros do despotismo e da ambição. Em dados momentos, a voz da jovem se embargava de lágrimas, mas fazia o possível por demonstrar paciência e energia, em tão amargas circunstâncias. Ante a nova perspectiva, o rapaz prometia esforçar-se para voltar ántes de um ano. Assim que, afagando mútuas esperanças, passaram a última noite, ansiosos por dilata-la ao infinito.

No dia seguinte, de manhã, a família Vilamil, exceto D. Margarida, estava congregada em pequeno conselho. Antero com a sua expressão artificial, justificava a preocupaçāo de Cirilo quanto á construção do lar, no seio agreste da natureza, pois também ele, segundo afirmava, a qualquer situação destacada em Paris preferia o recanto simples e calmo de Versailles; e enquanto D. Inácio fazia ao genro as suas alegres e derradeiras recomendações, Madalena contemplava angustiadamente o esposo, desejando repetir-lhe as observações do amor infinito. Tinha sede de redizer-lhe no ouvido os mil pequenos cuidados do coração; mas a presença de Antero e do progenitor lhe tolhia as carinhosas expansões. O velho fidalgo encarava o seu estado de espírito com vereditos ruidosos, que a filha era obrigada a receber com humildade e complacências, esforçando-se por ocultar a amargura indefinível que lhe cortava o coração.

Nesse momento, Cirilo fez a D. Inácio a entrega de dez mil francos para que fossem atendidas as despesas de ordem imediata, em sua ausência, prometendo trazer quantia mais vultosa, no seu regresso. O sogro agradeceu e guardou a dádiva com carinho, sem que ninguém notasse a expressão diferente que se fizera no olhar de Antero de Oviedo.

Em seguida, o viajante buscou um pretexto para

falar a sós com o primo da esposa e, com toda a sua ingenuidade e boa fé, recomendou-lhe com interesse:

— Antero, pode crer que parto absolutamente confiado no seu espírito de iniciativa e generosidade. Espero que sua dedicação vele por Madalena e por nossos velhos amados, com a mesma disposição sincera de auxílio que me ha dispensado desde que nos abraçámos pela primeira vez.

O moço espanhol detestava-o bastante para não gozar com os seus sofrimentos, mas esboçou uma atitude exterior de fraternidade, concordando:

— Podes partir tranquilamente. Compreendo as contingências imperiosas que te obrigam a tamanho sacrifício. Para mim, Madalena é qual irmã a quem consagro minha melhor estima; quanto aos tios, são êles, de fato, os pais que encontrei na vida.

Depois de outras considerações afetivas, Cirilo apertou-lhe a mão confiante e agradeceu o compromisso, de olhos humidos. Recomendações finais, derradeiros abraços e, sob o olhar despeitado de Antero, o filho de Samuél beijou a esposa pela última vez. Madalena enxugou as lágrimas que não pôde conter e Cirilo, de alma torturada, aboletou-se no pequeno carro de um amigo, que deveria conduzi-lo até o porto de Brest.

O casal Vilamil-Davenport tinha o espírito angustiado por perspectivas atrozes. Madalena, porém, elevava orações ardentes ao céu, suplicando á Mãe de Jesus lhe balsamizasse o cérebro torturado por martirizantes presságios.

Na Irlanda, desde a chegada de Cirilo, tudo constituiu um torvelinho de providencias e decisões de ultimos dias. Naturalmente, a maioria dos retirantes mantinham-se em expectação amargurada, considerando que iam abandonar a paisagem que os vira nascer; mas cada qual trabalhava por demonstrar contentamento e coragem, com esforço heróico. Suzana, que aguardava a partida dos parentes para voltar á França, cooperou nos mínimos problemas, proporcionando-lhes solução justa.

A náu do capitão Clinton era uma construção reforçada e de largas proporções, mas não podia conter tudo

o que Constancia desejava levar como recordação do Ulster; entretanto, a boa senhora organizou pequenos pacotes com sementes de árvores e flores ao seu alcance, no intuito de cultivar as lembranças irlandesas nas terras fecundas da América. No dia do embarque, Suzana chegou a afirmar, de cara alegre, que o navio de Clinton assemelhava-se a Arca de Noé, em miniatura.

Na praia, a jóven de Blois contemplou a embarcação até que desaparecessem, ao longe, as velas enfundadas. Recolhida em sua imaginação doentia, Suzana pensava consigo mesma: — "Estou satisfeita, a vitória me pertence".

Enquanto a embarcação atravessava o Canal do Norte, tudo foi um desdobrar de adeuses e entretenimentos cariciosos. Aqui e acolá, sinais da costa acenando ao ânimo patriótico dos viajores; mas, quando o navio afastou-se, no segundo dia, a situação tornou-se muito diversa. Chegada a noite, com o vento favorável, a embarcação achava-se em pleno mar. O dia havia mergulhado num manto de indefinível tristeza. O próprio Abraão, segurando calmamente o cachimbo, fixava, olhos nevoados de lágrimas, o rumo da costa que ficava à distância. Em todos os espíritos da saudade eclipsando a esperança. Quando a escuridão noturna se fez de todo sobre a imensidão móvel das águas, o ancião de Belfast acendeu um archote e abriu o Novo Testamento.

— Esta noite — disse ele com voz grave e pausada — leremos o Livro ajoelhados.

Os presentes o acompanharam com singular interesse, genufletindo-se.

O velho Gordon abrindo as páginas amareladas sóbre mesinha tosca, onde se espalhava a luz bruxoleante, leu, em voz alta todo o Capítulo 27 dos Atos, que relaciona as notícias da viagem de Paulo de Tarso para Roma. Isso feito, voltou as páginas, deteve-se no Vérsiculo 15 e repetiu em solene atitude: — "E sendo o navio arrebatado e não podendo navegar contra o vento, dando de mão a tudo, nos deixamos ir á tâa". Depois da pequena repetição, o velhinho bondoso olhou para o alto e exclamou:

— Senhor! o navio de nossos bens foi arrebatado ás nossas mãos na terra em que nascemos. Nossa existência na Irlanda sofria inutilmente o golpe dos ventos contrários ao vosso amor e sabedoria. E' por isso, ó Divino Salvador, que aquí nos encontramos nesta casca de noz, esperando que se cumpram os vossos insondáveis desígnios!

O capitão Clinton, antigo corsario habituado a espoliar para não ser espoliado e a matar para não morrer, no ritmo das leis rudes que imperavam no oceano, cercado por homens numerosos, armados de mosquetes, sabres e punhais, murmurou compungidamente:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!...

Terminaram as orações e a luz foi apagada, a fim de evitar qualquer desperdício. Foi então que Cirilo, mais altamente tocado no coração, abraçou a velha progenitora no seio das sombras, como a unica pessoa indicada a lhe compreender a alma ferida. Constancia percebeu a angústia do rapaz e falou-lhe com brandura:

— Deus sabe, meu filho, que é por seu amor que enfrentamos os abismos oceanicos.

Cirilo, contudo, não conseguia suportar por mais tempo as ondas de dor que se lhe represavam no peito. Afastando-se para um recanto escuro, onde sopravam as brisas favoraveis da noite, contemplou o céu estrelado e chorou amargamente...